



ID: 112618677

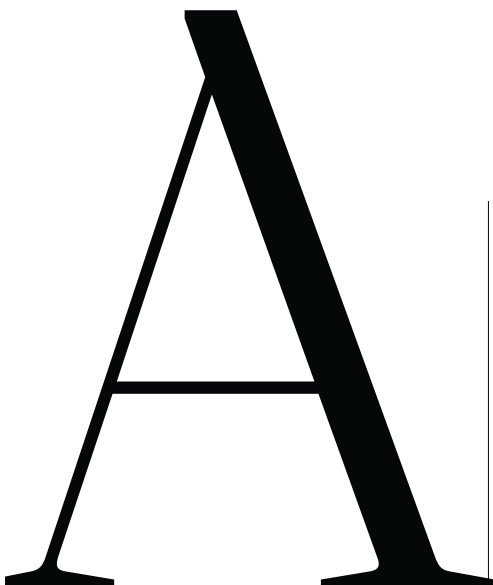


# ELON MUSK

## *O influencer do caos*

“Criança-prodígio”, alvo de bullying, portador de Asperger, Elon Musk tornou-se mais poderoso do que governos. Antigo eleitor democrata, o homem mais rico do mundo radicalizou-se contra aquilo a que chama “vírus woke”, emergindo como a voz mais influente da extrema-direita mundial. Com 193 milhões de seguidores na sua rede social, fez tremer o Reino Unido e é o grande aliado de Donald Trump para as presidenciais dos EUA

— POR JOÃO AMARAL SANTOS



A Elon Musk basta uma frase para dizer o que quer dizer. Por vezes, quatro palavras são-lhe suficientes. Durante anos, o dono da rede social X (antigo Twitter) – plataforma que adquiriu, em outubro de 2022, por 44 mil milhões de dólares – insistia querer envolver-se “o menos possível” em política. Hoje, no entanto, tornou-se no principal influencer mundial dos movimentos radicais populistas, alinhado com líderes como Donald Trump nos Estados Unidos, Javier Milei na Argentina, Jair Bolsonaro no Brasil ou Giorgia Meloni em Itália. Musk tem mais de 193 milhões de seguidores, e cada uma das suas publicações parece querer questionar o funcionamento das democracias ocidentais, que acusa de terem sido atingidas por um “vírus woke”, como repete com insistência, lançando dúvidas sobre sistemas progressistas e multiculturalistas. O homem mais rico do mundo – com uma fortuna estimada em 232 mil milhões de dólares (segundo as listas da Bloomberg e *Forbes* de 2023) – provoca, diariamente, abalos sísmicos à escala global: ataca governos (quase todos de esquerda), tribunais, jornalistas e ativistas; sugere “planos de paz” para regiões em conflito, muitas vezes à revelia dos interesses de Washington (como aconteceu nos casos da Ucrânia e de Taiwan); e gosta de apontar o dedo às agendas das minorias raciais, sexuais e de género. Agarrado ao argumento da “liberdade de expressão”, reabriu a porta da rede social da qual é dono a contas extremistas que se encontravam suspensas ou banidas. Neste momento, conteúdos racistas, xenófobos, homofóbicos e transfóbicos circulam livres e velozes pelo X. Nas últimas duas semanas, os motins racistas no Reino Unido alertaram para o problema.



▼ **Influencer** “Brilhante”, bem-sucedido e bilionário. Elon Musk tornou-se o “melhor amigo” de políticos como Trump, Javier Milei ou Jair Bolsonaro

**Elon Musk ataca governos de esquerda, tribunais, jornalistas e ativistas. “Está numa deriva radical populista, próxima da extrema-direita”, defende o politólogo José Filipe Pinto**

À VISÃO, o politólogo José Filipe Pinto considera que “é nítida” a ligação de Elon Musk “a uma deriva radical populista, próxima da extrema-direita norte-americana”. “Depois de se ter sentado à mesa com o poder democraticamente eleito, afastou-se, e está agora mais próximo dos movimentos contracorrente e antissistema. Sabemos que, hoje, essa linha de pensamento está também muito próxima da agenda republicana de Donald Trump”, sublinha. Especialista em Movimentos Extremistas e Populismo, José Filipe Pinto destaca que, apesar de tudo, Elon Musk mantém algumas “caute-las” quando escreve nas redes sociais. “Ele não aponta diretamente o caminho, preferindo deixar pontas soltas, apenas questionando ou sugerindo. Isso permite-lhe manipular os seus seguidores, dando-lhes a sensação de que são eles quem toma as decisões. É isto, na prática, o populismo”, refere. “Uma estratégia”, sublinha José Filipe Pinto, que permite ao influencer “dizer o que quer”, mas “nunca ser responsa-

## O bilionário das mil polémicas

Elon Musk não deixa ninguém indiferente. Adorado por uns, odiado por outros, o empresário sul-africano, naturalizado norte-americano, tem o currículo ilustrado por um sem-número de escândalos



### O "PEDO GUY"

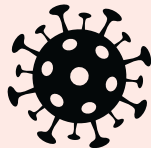
Em julho de 2018, Elon Musk quis participar no socorro das 12 crianças de uma equipa de futebol juvenil presas numa caverna, na Tailândia. Construiu uma cápsula de resgate, mas o aparelho revelou-se inoperante. O britânico Vernon Unsworth, um dos mergulhadores presentes nas operações, descreveu a ação como um "golpe de marketing". Musk não gostou da referência e usou a rede social Twitter para lhe chamar "pedo guy" ["gajo pedófilo", numa tradução para português], sem nenhuma razão aparente. Perante as reações negativas, Musk pediu desculpa. Vernon ainda o processou por difamação, mas um tribunal de Los Angeles arquivaria o caso.



### "VENDA" DA TESLA

Em agosto de 2018, Elon Musk anunciou no Twitter estar a considerar tirar a Tesla da bolsa, vendendo cada ação da empresa a 420 dólares. O empresário chegou a afirmar que o financiamento para a operação estava "assegurado". O negócio que envolvia o fundo de investimento

público da Arábia Saudita não aconteceu. As ações da empresa caíram a pique. As autoridades abriram uma investigação e Musk teve de pagar uma multa de 20 milhões de dólares para evitar ir a tribunal. Foi ainda obrigado a abandonar a presidência do conselho de administração da Tesla, mantendo-se, porém, como CEO da empresa.



### NEGACIONISTA

O ceticismo de Elon Musk em relação à pandemia de Covid-19 causou polémica e indignação. Em março de 2020, o empresário escreveu no Twitter: "O pânico do coronavírus é idiota" ["The coronavirus panic is dumb"], e previu (erradamente) que os casos nos Estados Unidos chegariam a zero no espaço de apenas um mês. Estas posições levaram profissionais de saúde e cientistas a criticarem Musk, acusando-o de espalhar desinformação sobre a doença. Em maio desse ano, Musk não cumpriu as ordens das autoridades para o encerramento dos serviços não essenciais, decretadas pelo Condado de Alameda, retomando a produção da Tesla na unidade de Fremont, na Califórnia.

O empresário chegou a descrever o *lock-down* como "fascismo".



### NO MERCY

"O pássaro foi libertado" ["The bird is freed"]. Em apenas quatro palavras, Musk anunciou, em outubro de 2022, a conclusão da aquisição do Twitter. Alegando a necessidade de reduzir custos, o empresário não hesitou em avançar para um processo de despedimento em massa. No espaço de apenas um ano, despediu cerca de 80% dos trabalhadores da empresa, que passaram de oito mil para apenas 1 500. Em julho de 2023, mudou o nome da plataforma para X.



### CANÁBIS

Em setembro de 2018, Elon Musk foi convidado para o podcast de Joe Rogan – influenciador associado à direita radical norte-americana –, mas o conteúdo da entrevista de duas horas e meia passou para segundo plano. A determinada altura, Musk surge no ecrã a fumar canábis. As ações da Tesla caíram 8%. O episódio chegou a pôr em

causa os contratos da SpaceX de Musk com o Exército dos Estados Unidos da América.



### PAZ "À MUSK"

Elon Musk parece acreditar ter todas as soluções. Os "planos de paz" propostos por Musk para a Ucrânia e para Taiwan previam cedências territoriais à Rússia e à China, respetivamente. A posição recebeu críticas de Kiev e Taipé. Nos bastidores de Washington, funcionários irritados acusaram-no de "estar a intrometer-se" demais.



### PRÓ-BOLSONARO

Elon Musk tornou-se ídolo dos apoiantes de Jair Bolsonaro depois de acusar o juiz do Supremo Tribunal Federal brasileiro, Alexandre de Moraes, de "violar a Constituição" e "promover" a censura no país. Na sequência destas declarações, Moraes anunciou a abertura de uma investigação ao dono do X no âmbito do inquérito sobre as notícias falsas online que terão contribuído para a invasão da sede dos Três Poderes, em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023.



### BOICOTE A ATAQUE UCRANIANO

Na sua mais recente biografia, da autoria de Walter Isaacson, Elon Musk revelou que mandou desligar o sistema de satélites Starlink durante uma ofensiva ucraniana, que tinha como alvo a frota marítima da Rússia, estacionada na Crimeia. Musk justificou a decisão com o facto de o embaixador russo nos Estados Unidos lhe ter dito "explicitamente" que, em caso de ataque, isso resultaria "numa resposta nuclear" por parte de Moscovo.



### ANTITRANS

"Esta é a gota de água." Musk não escondeu o desagrado depois de ver aprovada uma lei na Califórnia que reverte a obrigatoriedade de os professores avisarem os pais sobre possíveis mudanças na identidade de género de um estudante. No X, Musk, que tem uma filha transgénero (com quem não tem relação), anunciou a intenção de transferir as sedes principais da SpaceX e da rede social X para o Texas.

## O reino contra-ataca

*Elon Musk pode vir a ser convocado para prestar declarações no Parlamento britânico no âmbito das investigações aos motins racistas no Reino Unido*

O Parlamento britânico promete investigar o papel da rede social X nos motins de extrema-direita no Reino Unido. O jornal norte-americano *Político* avança que Elon Musk pode mesmo vir a ser convocado pelos deputados para prestar declarações, no âmbito do futuro Comité de Ciência, Inovação e Tecnologia, que será eleito no próximo dia 11 de setembro.

As deputadas trabalhistas Chi Onwurah e Dawn Butler, candidatas à presidência do comité, admitem a intenção de “pressionar” o patrão do X e outros responsáveis por empresas de tecnologia para responderem às questões da Câmara dos Comuns. “Devemos questionar todos os proprietários de plataformas de redes sociais”, afirma Dawn Butler. “É uma ferramenta muito poderosa e temos de compreender esse poder e garantir que é responsável”, acrescenta. A tarefa, no entanto, não se prevê fácil de concretizar. A comissão tem o poder de convocar pessoas e requerer acesso a documentos ou registos. E pode, até, como último recurso, emitir uma convocatória formal. Os efeitos práticos, porém, esgotam-se para lá das fronteiras do Reino Unido, o que tem permitido aos responsáveis por plataformas tecnológicas evitar os interrogatórios. Foi o que aconteceu com Mark Zuckerberg, fundador e proprietário do Facebook, que chegou a ser convocado por uma comissão parlamentar, na sequência do escândalo da Cambridge Analytica – consultora britânica

que acedeu e explorou os dados pessoais de 87 milhões de utilizadores do Facebook para influenciar a opinião de eleitores em vários países, durante campanhas políticas –, mas o fundador daquela rede social recusou-se sempre a comparecer. Na altura, a comissão ponderou emitir uma convocatória formal para que lhe fosse exigida a comparência. Mark Zuckerberg arriscou ser detido por desrespeito ao Parlamento do Reino Unido, se pisasse solo britânico. O caso, entretanto, caiu no esquecimento. O alvo, agora, é Elon Musk. Perante as provocações do homem mais rico do mundo – que chegou a dizer, no X, que “a guerra civil [no Reino Unido] era inevitável” –, o governo britânico tem reagido duramente. A ministra da Justiça, Heidi Alexander, classificou a postura de Musk de “profundamente irresponsável”. Numa entrevista à Times Radio, a governante chamou-o à atenção: “Se tens uma grande plataforma de redes sociais, também tens uma grande responsabilidade.” Numa entrevista à BBC, Alexander adiantou que o executivo de Keir Starmer iria analisar a possibilidade de reforçar a atual Lei de Segurança Online, que entra plenamente em vigor em 2025. “Temos trabalhado com as empresas de redes sociais, e algumas das medidas que já tomaram, como a remoção automática de certas informações falsas, são bem-vindas”, disse. “Mas há, sem dúvida, muito mais que as empresas de redes sociais poderiam e deveriam fazer”, sublinhou.



▼ **Extrema-direita** O extremista Tommy Robinson vive num resort de luxo no Chipre, mas é acusado de estar por detrás dos motins racistas que provocaram o caos no Reino Unido



## As fake news e a desinformação instigaram os motins racistas no Reino Unido. Elon Musk escreveu, no X, que “a guerra civil é inevitável”

bilizado por ser o autor de discursos de ódio”, muito menos “pelo caos e pela violência que possam, eventualmente, surgir nas ruas, provocados pela extrema-direita, na sequência do que se diz online”. “A plataforma da qual ele é dono [a rede social X] garante-lhe isso, e de forma muito simples. Basta-lhe desbloquear contas de pessoas e de movimentos que ultrapassam os limites que ele não pode ultrapassar, que chegam mesmo a dar ordens diretas aos seus seguidores. Basicamente, Elon Musk utiliza outros para que ataquem, efetivamente, o sistema, que ele próprio considera o inimigo que tem de ser derrotado”, afirma.

### UMA RADICALIZAÇÃO DIGITAL

Elon Musk nem sempre pensou desta maneira. O bilionário admitiu ter chegado a ser um “significativo” financiador dos democratas, partido em que votava por considerar “ser o mais bondoso”. Musk sentou-se à mesa com Barack Obama e, na última década, fechou contratos milionários com Washington, que lhe permitiram reconstruir o programa espacial da NASA e criar o serviço de internet por satélite Starlink, uma constelação artificial com três mil aparelhos, tornada indispensável pelas Forças Armadas dos Estados Unidos e seus aliados, em ações nas zonas de conflito. Neste período, Musk pôde encher as estradas do país de carros elétricos, numa fase em que a Casa Branca fez do combate às alterações climáticas uma das suas prioridades. Talvez nunca ninguém tenha acumulado tanto poder.

Para se compreender este homem, é preciso recuar ao início. Elon Musk nasceu em junho de 1971, em Pretória, numa África do Sul partida (e ferida) pelo Apartheid, filho de pai sul-africano e de mãe canadiana. Com ascen-



FOTOS: LUSA

## Gustavo Cardoso

Professor catedrático do ISCTE, sociólogo e diretor do OberCom – Observatório da Comunicação

# “Elon Musk é um empresário. Pode não parecer, mas tudo o que ele diz e faz é para ganhar dinheiro”

*O especialista em Comunicação sugere que as opiniões de Elon Musk nas redes sociais servem para “mexer” com o mercado. Acredita que o apoio a Donald Trump surge porque este tem uma agenda de “proteção dos mais ricos”. E embora admita que o discurso de ódio ande solto no X, acha que proibir a plataforma “não é a melhor solução”.*

**Ao longo dos anos, Elon Musk tem protagonizado várias polémicas, assumindo posições políticas radicais e populistas. Que leitura faz desta comunicação?**

O Elon Musk é, acima de tudo, um homem de negócios. O seu objetivo, em primeiro lugar, é a obtenção de lucro. Não é um político, não é um académico, não é um *entertainer*, mas apenas um homem de negócios. Pode não parecer, mas tudo o que ele diz e faz é pensado para ganhar dinheiro.

**As posições de Elon Musk nas redes sociais podem, então, ser explicadas como uma estratégia empresarial?**

Do ponto de vista da comunicação, Elon Musk é um exemplo perfeito do que designamos por “capitalismo comunicacional”. E o que é isto? Quando ele faz uma declaração, é para fazer mexer com os mercados financeiros. Ele sabe que, qualquer que seja o tema, isso vai fazer subir ou descer os valores de ações, de preços dos produtos e bens. Ele tem noção disso, e usa os seus milhões de seguidores para isso.

**Sabemos que a sociedade norte-americana está polarizada. Musk apoia Trump. Não pode ser alguém que, simplesmente, se foi tornando mais radical?**

Ele não apoia Donald Trump, é apenas porque sente que é o candidato mais próximo da visão que ele tem do mundo. Pode achar isso, de facto, mas, para ele, o mais importante é estar perto de quem



vence, para obter vantagens para si e para as suas empresas.

**Muitas das suas últimas declarações parecem mais ideológicas do que estratégicas...**

Sem dúvida. Seja ideológico ou estratégico, a verdade é que Musk e Trump estão alinhados. Mas também é verdade que todo o discurso de Donald Trump, comparando com o dos seus adversários, vai mais ao encontro de uma proteção dos mais ricos. E, neste momento, não há ninguém mais rico do que Elon Musk. Em termos económicos, é natural Musk identificar-se com os republicanos.

**Mas Elon Musk também tem feito muitos comentários sobre política externa (ainda agora, sobre os motins racistas no Reino Unido). Isso já não vai para lá da lógica dos negócios?**

Não, tem muito a ver com essa posição. Mas é fácil de explicar. Primeiro, está a demonstrar o seu poder perante terceiros, depois, está a usar o exemplo do Reino Unido para dizer aos norte-americanos que aquilo também pode vir a acontecer no país.

**Musk tem 193 milhões de seguidores no X. Estas posições põem em risco as democracias do mundo?**

Sinceramente, acho que Elon Musk tem mais impacto nos Estados Unidos do que noutros países. É verdade que se existe, hoje, uma internacional política, ela é de extrema-direita. E, por isso, ele sabe que o seu discurso vai ser escutado noutras partes do mundo.

**Consegue fazer uma ligação entre o que Elon Musk diz, o que se passa nas redes sociais e o que acontece no mundo, como, por exemplo, os motins racistas no Reino Unido?**

Acho isso exagerado. À velocidade a que estamos a tentar responder a tudo o que acontece no mundo, se calhar, estamos a confundir as causas do que se está a passar no Reino Unido. Diz-se que as redes sociais têm responsabilidade, que é preciso travar os discursos de ódio, criminalizar as partilhas... OK, tudo isso tem impacto. Mas os motins não acontecem por causa das redes sociais. Acontecem porque há pessoas disponíveis para participar nos motins. É preciso não confundir...

**Mas, neste caso, as redes sociais foram usadas para espalhar desinformação que levou a ajuntamentos da extrema-direita, e a partir daí à violência...**

Sim, claro. As redes sociais são uma ferramenta para partilhar mensagens, juntar e organizar pessoas... Mas vamos ser práticos: se todas as pessoas alinhassem pelo

que diz Elon Musk, não haveria nada a fazer. Com ou sem redes sociais! Claro que isso seria muito mau para quem valoriza as democracias, mas essas pessoas de extrema-direita não são, neste momento, a maioria. E, como se tem visto, o Estado tem forma de responder, a estas situações, através da polícia, das Forças Armadas...

**Se se chegar à conclusão de que o X prejudica, de facto, as democracias, através do discurso de ódio... Acha possível esta rede social ser proibida em países como os Estados Unidos ou da Europa?**

Se na situação da guerra na Ucrânia, que é fora das fronteiras da União Europeia, se proibiram canais russos [como o canal RT e a agência de notícias Sputnik], então, claro, é possível proibir redes sociais. Na minha opinião, essa não seria a melhor solução. Iriamos, uma vez mais, punir a maioria pela minoria. E, pior, isso serviria para reforçar o discurso dessa minoria, que iria vitimizar-se, deixando, certamente, de ser uma minoria.

**Qual é, então, a solução para travar as fake news, a desinformação e o discurso de ódio nesta rede social?**

Viver em democracia é estar constantemente em confronto com ideias contrárias. Acho que, hoje, temos condições para criminalizar o discurso de ódio nas redes sociais. Não podemos dramatizar. E recordo que, embora existam fake news e desinformação, as pessoas são manipuláveis, mas não são hipnotizáveis.



LUSA

dência inglesa e holandesa, a família vivia entre o luxo e a extravagância. O pai, Errol, engenheiro e empresário bem-sucedido, chegou a explorar uma mina de esmeraldas na Zâmbia, o que lhe permitia comprar iates, carros de topo, passar férias na neve ou adquirir os computadores mais avançados, apenas acessíveis a uma minoria. Os Musk eram a “elite”.

Mas as condições naturais não evitaram que Elon sofresse os dissabores da infância e da adolescência. A criança-prodígio – que, com apenas 11 anos, foi capaz de criar seu próprio videogame, o qual vendeu, por 500 dólares, a uma empresa sul-africana – era também vista como “estranha”, propensa a obsessões, e adorava passar o tempo a construir foguetes e a tentar fabricar explosivos, como recordam aqueles que conviviam com ela. Encontrou nos livros os seus melhores amigos, devorando páginas durante horas infindáveis. No colégio privado que frequentava, exclusivo para a elite branca, Musk viveu os maiores tormentos, vítima de bullying de colegas que não queriam (ou conseguiam) compreender aquela maneira de ser. Chegou a ser hospitalizado, depois de atirado escadas abaixo e agredido violentamente, até ao ponto de perder a consciência.

▼ **Radical** Musk sentou-se à mesa com Barack Obama, financiou e apoiou os democratas, mas hoje alinha com a direita radical populista

**Nascido numa família rica, de ascendência europeia, na África do Sul do Apartheid, Elon foi uma “criança-prodígio” e “estranha”, vítima de bullying violento no colégio privado**

Os sinais estavam presentes, mas apenas há quatro anos, numa entrevista no programa *Saturday Night Live*, Elon Musk confessou ter síndrome de Asperger, uma doença do espectro do autismo que afeta as capacidades de comunicação e relacionamento.

Depois do divórcio dos pais, quando tinha apenas 8 anos, ficou a viver com o pai nos subúrbios de Pretória, decisão que lamentaria amargamente. “Não foi uma boa ideia”, admitiu, anos mais tarde. Em adulto, cortou mesmo relações com o seu pai. E também com a terra natal, que parece ter dificuldades em reconhecer como sendo sua.

Ainda antes de fazer 18 anos, partiu para o Canadá, obtendo a cidadania canadense através da mãe. Dois anos depois, pediu transferência para a Universidade da Pensilvânia, em Filadélfia, Estados Unidos, onde se formou em Física e Economia. Em 1995, com apenas 24 anos, mudou-se de malas e bagagens para Silicon Valley, na Califórnia. Ainda se inscreveu na Universidade de Stanford, com intenções de completar um doutoramento, mas desistiu da ideia passados apenas dois dias, ansioso por se lançar no mundo das empresas tecnológicas.

Em 2002, tornou-se cidadão norte-americano. O resto é conhecido.

Elon Musk é um dos empresários mais bem-sucedidos do mundo, acumulando prestígio e riqueza. O espírito inovador deu-lhe aura de estrela rock. Hoje, o rapazinho rico de Pretória controla a fabricante de automóveis Tesla, a empresa espacial privada SpaceX e a rede social X. Mas a sua criatividade parece inesgotável. Musk aposta forte na Neuralink, empresa que pretende implantar chips nos cérebros humanos, projeto que já está numa fase de ensaios, com vista a permitir que doentes recuperem funções corporais, desde o movimento das pernas e dos braços até à visão. Nos últimos anos, o bilionário chegou a comercializar um lança-chamas ou a anunciar a intenção de produzir uma tequila chamada Teslaquila. Continua a alimentar o sonho de, um dia, colonizar Marte.

O poder de Elon Musk transcende a sua fortuna. O tempo parece tê-lo mudado, seja por questões ideológicas ou financeiras (ver entrevista nestas páginas). Aos 53 anos, Musk já teve 12 filhos – o primeiro, Nevada, faleceu vítima de síndrome de morte súbita infantil, com apenas 10 semanas –, de três mulheres, de quem, entretanto, já

se separou. O “novo” Elon tem uma relação com a família tão complexa como o “antigo”. O exemplo de Vivian Wilson, a filha transgénero de 20 anos, choca frontalmente com o seu novo ideário. “O meu filho Xavier (o nome anterior de Vivian) está morto, assassinado pelo vírus da mente *woke*”, afirmou Musk, numa entrevista dada a Jordan Peterson, psicólogo-estrela da direita radical, no final do mês passado. Se antes era discreto, agora as polémicas passaram a fazer parte do seu quotidiano (ver caixa *O Bilionário das Mil Polémicas*).

Num artigo publicado no *Washington Post*, 20 altos funcionários do governo norte-americano são unânimes em descrever Elon Musk como “brilhante”, mas igualmente “excêntrico”, “arrogante” e “caprichoso”. O carácter “impulsivo” e “imprevisível” do bilionário parece causar receios em Washington, mas também no mundo. “Ele continua a dar tiros no próprio pé, faria melhor não se meter na política. Como toda a gente, fiquei chocada ao vê-lo envolver-se em alguns assuntos, nos últimos meses”, refere uma fonte escutada para o artigo.

“Elon Musk tem uma posição tremendamente narcisista”, realça José Filipe Pinto, que descreve o bilionário como alguém que pensa “não ter de se submeter à lei, mas ter o direito de impor a lei”. “Musk vê os líderes políticos como obstáculos, porque acredita ter mais poder do que os próprios Estados, e sente ter, não só o direito de impor as regras, mas também a capacidade para regular o mundo. E, de facto, falamos de alguém que tem mais poder do que governos”, sublinha. José Filipe Pinto considera que o norte-americano demonstra “um narcisismo exacerbado, que se torna doentio, próximo da psicopatia”. “Ele tem um poder financeiro imenso, tem uma ferramenta para difundir as suas ideias [a rede social X], tem seguidores... É alguém que tem uma ideia messiânica de si próprio”, conclui o politólogo.

### O PROBLEMA INGLÊS

O último capítulo da história radical e populista de Elon Musk atravessou, não só o oceano mas também as fronteiras digitais. Os motins racistas espalharam-se pelo Reino Unido. Enquanto o caos e a violência tomavam conta das cidades da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, as trocas de acusações entre o bilionário e o governo



▼ **Lenda** Em 2021, Elon Musk foi a Pessoa do Ano da revista *Time*. A criatividade para os negócios do dono da Tesla e da SpaceX parece infinita

de Keir Starmer faziam manchetes por todo o mundo. Musk continua a “incendiar” o ambiente, promovendo desinformação e teorias da conspiração. Chegou mesmo a afirmar que “a guerra civil [no Reino Unido] é inevitável” [*Civil war is inevitable*], escreveu no X. Como já tinha feito, aliás, pelo menos mais cinco vezes, entre outubro de 2023 e o passado dia 4 de agosto. Musk insiste que a culpa da violência “é do governo britânico”, compara as prisões de extremistas pela polícia inglesa com as detenções feitas pelos nazis e insinua que a justiça britânica tem critérios de tratamento diferentes para muçulmanos. O Parlamento britânico promete investigar estas ações (ver caixa *O Reino Contra-Ataca*).

Cátia Moreira de Carvalho refere que as posições de Elon Musk estão “escudadas no argumento da liberdade de expressão”, mas admite que “há uma linha que, uma vez ultrapassada, torna essa liberdade de expressão algo que tem potencial para prejudicar outras pessoas, que, normalmente, se sentem mais ameaçadas”. A investigadora em Psicologia, Extremismo e Radicalização, da Universidade do Porto, alerta que “ao atacar e incitar à violência contra estas pessoas [muçulmanas], o discurso de ódio provoca divisões perigosas na sociedade, prejudica a participação e a inclusão daqueles que são alvo dele e coloca a democracia em risco”.



Neste caso, a rede social X parece ter cumprido o guião de Musk. Apon-tado como o líder dos motins racistas, Tommy Robinson, nome de guerra de Stephen Yaxley-Lennon, foi banido, entre 2018 e 2019, das plataformas Facebook, Instagram e Twitter, mas depois da compra do Twitter por Elon Musk a sua conta foi-lhe restituída. O *ex-hooligan* de Luton, 41 anos, com passagens por vários partidos e movimentos extremistas (como a Liga da Defesa Inglesa), é visto como o líder da extrema-direita britânica, e embora continue fora do Reino Unido (passou pelos Estados Unidos e, segundo informações mais recentes, viverá atualmente num resort de cinco estrelas no Chipre), continua a publicar conteúdos racistas e xenófobos na rede social X, sem aparente verificação. Os conteúdos podem ser lidos e partilhados pelos seus mais de 975 mil seguidores.

Conhecido pelas suas posições anti-imigração e anti-islão, Tommy Robinson tornou-se figura popular e acarinhada nos Estados Unidos, chegando a ser descrito por Steve Bannon, antigo diretor de campanha de Donald Trump nas eleições presidenciais de 2016 – a cumprir pena de prisão de quatro meses (condenado por desafiar uma intimação do Congresso que investigava o ataque ao Capitólio no dia 6 de janeiro de 2021) –, como uma vítima “da elite liberal” e um “preso político”, depois



de ser detido. Musk parece concordar com a descrição.

Os motins no Reino Unido começaram na sequência de um ataque de um homem de 17 anos a um centro comunitário, em Southport, localidade no Noroeste de Inglaterra, que provocou a morte de três meninas (uma das quais com nacionalidade portuguesa). A tragédia foi aproveitada pelos movimentos de extrema-direita para espalharem *fake news* sobre a identidade do autor dos crimes, apontado como um refugiado muçulmano, recém-chegado ao país. Na realidade, o homem – atualmente detido – nasceu em Cardiff, no País de Gales, filho de pais ruandeses, e residia em Lancashire. As mentiras foram replicadas em Portugal. O esclarecimento de nada serviu.

Segundo Cátia Moreira de Carvalho, o episódio comprova que “é impossível parar a disseminação deste conteúdo” nas redes sociais, quando estas “estão sob o domínio de empresas privadas, com as suas próprias regras e muito difíceis de controlar”. A especialista afasta, porém, que a solução passe por proibir o X. “Dentro desta temática, não acredito em proibições”, sublinha. Cátia Moreira de Carvalho considera que “a solução passa, sim, por uma aposta na literacia digital, por programas educativos de prevenção do discurso de ódio e por combater as razões que estão na base da propagação deste tipo de

▼ **Fortuna** O homem mais rico do mundo, com um património avaliado em 232 mil milhões de euros, promete doar €41 milhões/mês para reeleger Trump

**Teve 12 filhos, mas viu o primogénito morrer, com apenas 10 semanas. Recentemente, disse numa entrevista que a filha Vivian Wilson, 20 anos, mulher transgénero, “morreu para o vírus woke”**

narrativa”. “Demora bem mais tempo do que proibir, mas os seus efeitos a médio e longo prazo são mais benéficos”, realça.

#### UM MAL NECESSÁRIO?

Em declarações à VISÃO, Susana Salgado desdramatiza o problema, considerando que o discurso de Elon Musk se enquadra no que considera ser “uma reação”. Daí que tantos o acompanhem. “Numa sociedade orientada por valores mais à esquerda, temos de assumir que há uma camada da população que não se sente representada, e que reage. Os discursos populistas de direita vieram dar visibilidade a essa camada da população, que não concordava com a narrativa dominante”, defende. Apesar dos receios, a investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL) alerta para o facto de que “este tipo de discursos existe e também faz parte” das sociedades democráticas. “As pessoas têm o direito de ter opiniões diferentes, isso é que é democracia”, acrescenta. Em relação aos excessos nas plataformas, Susana Salgado afirma que a proibição “não resolve um problema que existe no mundo real”, e que tudo o que se enquadra como discurso de ódio já está previsto na lei e deve ser punido. “É uma questão da aplicação da lei”, conclui. É isso que começa a acontecer no Reino Unido.

Elon Musk promete não pôr “pimenta na língua” para reeleger Donald Trump para a Casa Branca nas presidenciais de 5 de novembro. Ainda assim, na rede social X, já começou a atacar ferozmente Kamala Harris, que diz defender políticas “comunistas”. Enquanto esgrime argumentos com Nicolás Maduro, vai deixando farpas à candidata democrata.

Apesar de toda a dedicação, há republicanos que continuam a duvidar da sua paixão pelo partido. A possibilidade de os magnatas “todo-poderosos” controlarem Washington – não só Musk, mas também Jeff Bezos, Marc Benioff ou Pierre Omidyar, donos de impérios tecnológicos e mediáticos – parece desagradar a todos. Donald Trump não se mostra incomodado, e aproveita. Esta semana, concedeu uma entrevista a Musk, transmitida, em direto, no X. O *Wall Street Journal* tinha garantido que Musk pretende doar cerca de €41 milhões/mês para a campanha do Partido Republicano. Os astros parecem alinhados. [jsantos@visao.pt](mailto:jsantos@visao.pt)

**Elon Musk, o engenheiro do caos** ..... 48

Como o bilionário está a usar a rede social de que é proprietário para divulgar informação falsa e promover a sua visão do mundo

ID: 112618677



AN

ELON MUSK  
O MILIONÁRIO  
MAIS PERIGOSO  
DO MUNDO?

ILHAS: €4. SEMANAL